

A TRADUZIR É QUE A GENTE SE ENTENDE

Sempre que encontramos alguém conhecido numa terra distante, costumamos dizer: «Como o mundo é pequeno!». Antes de ser pequeno, o mundo era infinito porque desconhecido. Os portugueses, com as suas Descobertas, deram novos mundos ao mundo. Os tradutores, passando a palavra, de língua para língua, deram novos leitores aos autores. Ambos encurtaram as distâncias entre os povos e as culturas. Sem tradução, cada um de nós, povos deste mundo, ainda andava a falar sozinho, a pregar no deserto. Foi a natural curiosidade humana que deu à luz o tradutor.

Existem no mundo cerca de 7000 línguas diferentes e dezenas de alfabetos, não contando com a que inventei com uma amiga, tínhamos uns 13 anos, para mantermos a nossa correspondência secreta nos postais ilustrados que enviávamos uma à outra quando estávamos de férias. Seria necessário muito tempo para decifrar os nossos segredos, como foram necessários milhares de anos para traduzir os hieróglifos.

Na União Europeia, são necessários muitos milhares de páginas por ano para traduzir as palavras dos europeus. Somos 28 países, 24 línguas oficiais e de trabalho, e outras tantas culturas. Temos divergências de opinião, formas diferentes de ver o mundo, soluções nem sempre unânimes para os problemas. Mas abraçámos um projeto comum e não temos outro remédio senão entendermo-nos... falando. Porque é «a falar que a gente se entende», reza um velho ditado português. E nós, os europeus, sabemos bem que, para falar, precisamos de traduzir. E entendemo-nos porque «A língua da Europa é a tradução», como escreveu Umberto Eco. A traduzir é que a gente se entende.

A tradução é pois uma descoberta, meio caminho andado para destinos desconhecidos. O autor escreve numa folha em branco, o tradutor tem uma folha cheia, a que vai ter de dar um sentido noutra língua, fazendo suas palavras de que tantas vezes discorda. O tradutor pode sentir-se perdido, mas é obrigado a chegar à meta traçada pelo autor. Sabe, no cruzamento dos significados, que não vai por aquela palavra, mas por outra que transporta melhor para a língua de chegada a ambiguidade literária ou o rigor técnico da língua de partida.

No final de Cântico Negro, o poeta José Régio escreve: «Não sei por onde vou / Não sei para onde vou / Sei que não vou por aí!». Como o poeta, o tradutor tem dúvidas e tem certezas. Mas uma coisa ele sabe e sabem os europeus: sem a tradução, o mundo não seria tão pequeno.